Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Riscos midiatizados: amplificação social e circulação em minisséries brasileiras baseadas em fatos reais[1]
Mediatized risks: social amplification and circulation in Brazilian miniseries based on true events

Vinícius Alves Sarralheiro
Vitor Alves Sarralheiro

Palavras-chave: Midiatização; Comunicação de Risco; Narrativas Audiovisuais.

Introdução

Este trabalho discute o papel das narrativas audiovisuais seriadas na circulação contemporânea de acontecimentos de risco, a partir da análise de duas minisséries brasileiras baseadas em fatos reais: *Emergência Radioativa* (Netflix, 2026), inspirada no acidente radiológico com o Césio-137 ocorrido em Goiânia em 1987, e *Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente* (HBO, 2025), centrada na epidemia de HIV/aids no Brasil durante a década de 1980 e nas redes de solidariedade formadas em torno do acesso ao tratamento. A proposta parte da compreensão de que essas produções não apenas representam acontecimentos históricos, mas os recolocam em circulação no presente, mobilizando valores contemporâneos, afetos, memórias e disputas de sentido que reconfiguram a percepção social desses riscos.

Em contextos de midiatização e hipermidiatização, os acontecimentos não permanecem restritos ao momento em que ocorreram. Eles retornam, são retomados,

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

reinterpretados e reapropriados por diferentes dispositivos midiáticos, em um processo no qual a circulação passa a ocupar lugar central na produção social de sentidos. Como aponta Verón (2014), a midiatização não pode ser reduzida a uma dimensão tecnológica, pois envolve transformações mais amplas nas formas de produção, circulação e reconhecimento dos discursos sociais. Do mesmo modo, Braga (2017) enfatiza que os sentidos não se encerram na emissão ou na recepção, mas se constituem em circuitos interacionais nos quais sujeitos, instituições e mídias reelaboram continuamente os discursos.

Essa perspectiva dialoga com o Modelo da Amplificação Social do Risco (*Social Amplification of Risk Framework* – SARF), formulado por Kasperson et al. (1988), ao compreender que os riscos não produzem efeitos apenas por suas características materiais ou objetivas, mas também pelos processos comunicacionais que os tornam visíveis, interpretáveis e socialmente relevantes. Na SARF, diferentes atores e dispositivos atuam como "estações de amplificação", selecionando, enquadrando e retransmitindo informações sobre o risco, podendo ampliar ou atenuar sua percepção pública e seus efeitos sociais. Assim, a circulação de narrativas, discursos e representações torna-se parte constitutiva da própria experiência do risco, produzindo impactos que extrapolam o evento original e alcançam dimensões simbólicas, culturais e políticas, além de influenciar percepções, memórias, estigmas, formas de mobilização e respostas coletivas (Kasperson *et al.*, 1988; 2003; Sarralheiro, Vinícius, 2025).

Nesse cenário, as plataformas de *streaming* e as narrativas seriadas baseadas em fatos reais tornam-se espaços privilegiados para observar como riscos históricos são reativados sob novas sensibilidades sociais. Ao dramatizarem acontecimentos passados, essas produções não apenas recuperam memórias, mas atualizam debates sobre responsabilidade institucional, ciência, saúde pública, estigma, cuidado, negligência e vulnerabilidade. Assim, os riscos representados fatos do passado não como fatos encerrados, mas como narrativas em disputa, capazes de produzir novas formas de

reconhecimento e reflexão, contribuindo, no presente, para repensar socialmente esses riscos (Kasperson *et al*., 2003; Iglesia; Coma, 2011).

Comunicação de Risco e Amplificação Social do Risco

A comunicação de risco constitui um campo fundamental para compreender como sociedades percebem, interpretam, disputam e gerenciam ameaças. Diferentemente de modelos informacionais, que compreendem a comunicação como mera transmissão de dados técnicos de especialistas para a população, perspectivas contemporâneas indicam que o risco é também uma construção social, cultural e comunicacional. Isso significa que os riscos não são percebidos apenas por sua materialidade objetiva, mas pelos enquadramentos simbólicos, institucionais, afetivos e midiáticos que lhes conferem sentido (Beck, 2011; 2013; Di Giulio *et al.*, 2010; 2015; Sarralheiro, 2025a); pois, "o risco se constitui comunicativamente, mas a comunicação nos ajuda a interpretar dinamicamente o processo em sua totalidade" (Iglesia; Coma, 2011, p. 100, tradução nossa).

É nesse contexto que a SARF oferece uma contribuição central. O modelo parte da compreensão de que eventos de risco interagem com processos psicológicos, sociais, institucionais e midiáticos, podendo ser amplificados ou atenuados conforme circulam socialmente. Para Kasperson *et al.* (1988), os riscos passam por "estações de amplificação", isto é, instâncias que recebem, interpretam, transformam e retransmitem informações sobre o risco. Essas estações podem ser instituições científicas, órgãos governamentais, meios de comunicação, grupos sociais, lideranças políticas, redes interpessoais ou, em uma leitura atualizada, plataformas digitais e produtos culturais. A noção de amplificação não significa apenas aumento do medo ou da percepção de perigo. Trata-se de um processo mais complexo, no qual determinados aspectos do risco são

destacados, silenciados, moralizados, dramatizados ou normalizados (Kasperson *et al.*, 1988; 2003).

Midiatização, circulação e narrativas audiovisuais

A articulação entre SARF e midiatização permite compreender que os riscos não circulam de forma neutra ou linear. Eles são atravessados por operações midiáticas, formatos narrativos, regimes de visibilidade e disputas de reconhecimento. Para Verón (2014), a midiatização se relaciona à transformação das condições de produção e reconhecimento dos discursos sociais. Hjarvard (2014), por sua vez, compreende a midiatização como processo pelo qual instituições e práticas sociais passam a ser moldadas pelas lógicas da mídia. Já Braga (2017) contribui ao deslocar o foco para os circuitos de circulação, nos quais os sentidos são retomados, desviados, tensionados e reconstruídos.

Fausto Neto (2010), ao tratar das bordas da circulação, permite pensar que os discursos não se esgotam em suas instâncias de origem. Eles se deslocam e se transformam em novos ambientes, adquirindo sentidos não previstos inicialmente. Carlón (2025), ao discutir a hipermidiatização, radicaliza essa questão ao apontar para um cenário de aceleração, expansão e complexificação dos fluxos comunicacionais. Nesse contexto, as narrativas audiovisuais de streaming participam de um ecossistema em que acontecimentos históricos retornam como objetos de memória, entretenimento, debate público e reconhecimento social.

As minisséries baseadas em fatos reais, portanto, ocupam um lugar ambíguo e produtivo: se situam entre documento e ficção, memória e dramatização, informação e experiência sensível. Não são reconstituições neutras do passado, mas formas narrativas que selecionam personagens, conflitos, temporalidades, atmosferas e pontos de vista. Ao fazerem isso, organizam uma determinada pedagogia sensível do risco: ensinam o

espectador a sentir, reconhecer e interpretar acontecimentos que, muitas vezes, pareciam distantes, esquecidos ou reduzidos a dados históricos. A narrativa, nesse sentido, pode atuar como uma forma de conhecimento social.

O audiovisual não apenas ilustra a realidade, mas participa da produção de sentidos sobre ela. Essa perspectiva permite pensar as séries como dispositivos de reentrada do risco na circulação; ou seja, o risco, nesses casos, retorna por meio de narrativas que dialogam com sensibilidades atuais: preocupação com negligência institucional, valorização da ciência, crítica ao abandono de populações vulnerabilizadas, reconhecimento de traumas coletivos, denúncia de estigmas e valorização de redes de cuidado. A circulação contemporânea desses acontecimentos não repete simplesmente a circulação original; ela a reinterpreta. O passado, portanto, é narrado a partir das inquietações do presente.

Metodologia

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com base na análise de narrativas audiovisuais e no Método de Análise de Imagens em Movimento proposto por Rose (2015). Tal perspectiva compreende os produtos audiovisuais como artefatos culturais complexos, nos quais imagem, som, montagem, performance, corpo, espaço e temporalidade produzem sentidos em relação a determinados contextos sociais. O procedimento metodológico também dialoga com estudos recentes que mobilizam o audiovisual como espaço de leitura crítica de valores contemporâneos, entendendo filmes e séries não como simples ilustrações de conceitos teóricos, mas como práticas culturais ativas na produção de imaginários (Sarralheiro; Lopes Junior, 2026).

O corpus é composto pelas minisséries *Emergência Radioativa* (Netflix, 2026) e *Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente* (HBO, 2025). A escolha se justifica por ambas partirem de acontecimentos reais marcados por forte dimensão de

risco e por recolocarem esses eventos em circulação em um contexto contemporâneo de *streaming*, consumo seriado e hipermidiatização. Embora tratem de riscos distintos, as obras permitem observar como narrativas audiovisuais reconstroem socialmente a percepção de eventos traumáticos. Assim, a análise não busca aferir a fidelidade histórica das obras, mas compreender como elas produzem sentidos sobre o risco e contribuem para sua circulação contemporânea.

Riscos em circulação nas minisséries brasileiras

Na minissérie da Netflix (2026), o risco é construído a partir da invisibilidade do fenômeno. A radiação não pode ser percebida diretamente pelos sentidos, o que intensifica sua potência narrativa: o perigo existe antes de ser reconhecido e circula por objetos, corpos, casas, ruas e relações cotidianas sem que os sujeitos compreendam imediatamente sua gravidade. A série dramatiza o intervalo entre exposição e conhecimento, momento em que a substância contaminada ainda circula como objeto de curiosidade, valor e fascínio antes de ser enquadrada como ameaça. Nessa passagem, observa-se aquilo que Braga (2017) compreende como circulação de sentidos: o risco não se encerra no acontecimento em si, mas se constitui nos circuitos interacionais que envolvem sujeitos, instituições, discursos técnicos e narrativas midiáticas. Quando o risco é finalmente reconhecido, ele já atravessou corpos, vínculos e territórios, evidenciando que não se trata apenas de uma contaminação material, mas de um processo que desorganiza a vida social, produz medo e transforma a relação dos sujeitos com seus próprios espaços.

Em diálogo com Verón (2014), pode-se dizer que a série atua nas condições contemporâneas de produção e reconhecimento desse acontecimento, deslocando-o da memória histórica para novos circuitos de circulação. Assim, atualiza questões sobre negligência institucional, desigualdade no acesso à informação, responsabilidade pública e permanência do estigma. O risco radiológico retorna, portanto, como narrativa sobre invisibilidade, abandono e reconhecimento tardio.

Já na minissérie da HBO (2025), o risco assume outra forma, ainda que de invizibilação. Não se trata de um acidente súbito, localizado e invisível como a radiação, mas de uma crise sanitária prolongada, atravessada por moralidades sexuais, disputas científicas, silenciamentos institucionais e estigmas sociais. A aids, historicamente, não circulou apenas como doença, mas como metáfora, ameaça moral e marcador de corpos considerados desviantes, sendo intensamente produzida e disputada em circuitos midiáticos, biomédicos, políticos e comunitários (Ayres; 2002; Trevisan, 2018; Sarralheiro, 2020; Sarralheiro, Vitor, 2025).

Ao recuperar esse período, a minissérie recoloca em circulação uma discussão ainda atual: a de que o risco sanitário nunca é apenas biomédico, mas também social, comunicacional e político (Sarralheiro, 2020; Sarralheiro, Vitor, 2025). A narrativa evidencia sujeitos que enfrentam não apenas a infecção, mas a falta de acesso a medicamentos, o medo da morte, o preconceito, o abandono institucional e a necessidade de produzir redes de solidariedade. Assim, o risco da aids é ampliado para além do vírus, envolvendo exclusão, silenciamento, desamparo e apagamento da memória dos sujeitos afetados.

Ao trazer para o centro corpos historicamente estigmatizados, a narrativa desloca o risco do campo da culpa individual para o das responsabilidades coletivas. Nesse sentido, a minissérie atua como dispositivo de midiatização da memória, pois reorganiza, em linguagem audiovisual seriada, sentidos anteriormente dispersos em campanhas, discursos médicos, reportagens, testemunhos e lutas sociais.

Considerações Finais: narrativas contemporâneas como estações de amplificação do risco

A comparação entre as duas obras permite compreender como narrativas audiovisuais podem reativar estações de amplificação do risco (Kasperson et al. 1988; 2003) em contextos de midiatização e hipermidiatização (Braga, 2017; Verón, 2014; Carlón, 2025). Nos dois casos, a passagem do acontecimento histórico para a narrativa

contemporânea não é neutra. Como observa Verón (2014), os discursos sociais dependem de condições de produção e reconhecimento; nesse sentido, as minisséries selecionam conflitos, personagens e valores que permitem reinterpretar os riscos à luz do presente. O acidente radiológico é relido a partir de debates sobre ciência, desinformação, trauma ambiental e responsabilidade institucional; a epidemia de aids, a partir de discussões sobre diversidade, estigma, memória LGBTQIA+, acesso à saúde e redes de cuidado.

Assim, as obras não apenas amplificam novamente os riscos; elas os reamplificam de outro modo. Enquanto a circulação inicial desses acontecimentos foi marcada por medo, desconhecimento, discursos institucionais, cobertura jornalística e produção de estigmas, a circulação contemporânea ocorre por meio de narrativas sensíveis, inseridas em plataformas de streaming e em circuitos próprios da hipermidiatização. Em diálogo com Carlón (2025), pode-se afirmar que esses riscos retornam em um ambiente de circulação ampliada, no qual produtos audiovisuais, redes digitais, memórias sociais e debates públicos se articulam.

Trata-se, portanto, de uma amplificação reflexiva: menos voltada ao aumento do medo e mais orientada à ampliação da compreensão social sobre os fatores que produziram, agravaram ou silenciaram tais riscos. Essa leitura aproxima a SARF dos estudos de circulação, pois permite observar que a amplificação não ocorre apenas no momento inicial da crise, mas também em reapropriações posteriores, quando novos dispositivos midiáticos reorganizam o sentido social dos acontecimentos. Desse modo, em contextos de hipermidiatização, essas produções participam da construção social do conhecimento sobre riscos, operando entre memória, ficção, experiência sensível e debate público.

Referências

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Práticas educativas e prevenção de HIV/aids: lições aprendidas e desafios atuais. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, 2002.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. In: BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 16-41.

CARLÓN, Mario. Semiótica, (hiper)midiatização, circulação e atores/enunciadores: a caminho de um enfoque macro-relacional não antropocêntrico para pensar o futuro? **MATRIZes**, v. 18, n. 3, p. 159-184, 2025.

DI GIULIO, G. M.; VASCONCELLOS, M. P.; GÜNTHER, W. M. R.; RIBEIRO, H.; ASSUNÇÃO, J. V. Percepção de risco: um campo de interesse para a interface ambiente, saúde e sustentabilidade. **Saúde e sociedade**. vol.24 no.4 São Paulo out./dez. 2015.

DI GIULIO, G.; FIGUEIREDO, B.; FERREIRA, L.; DOS ANJOS, J. Comunicação e governança do risco: A experiência brasileira em áreas contaminadas por chumbo. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. XIII, n. 2, p. 283-297, jul.-dez. 2010.

FAUSTO NETO, Antônio. As bordas da circulação. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, 2010.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

IGLESIA, J. L. G.; COMA, J. F. **Teoria de la comunicación de riesgo**. Barcelona: Editorial UOC, 2011.

KASPERSON, Roger E. et al. The social amplification of risk: a conceptual framework. **Risk Analysis**, v. 8, n. 2, p. 177-187, 1988.

KASPERSON, Jeanne X.; KASPERSON, Roger E.; PIDGEON, Nick; SLOVIC, Paul. The social amplification of risk: assessing fifteen years of research and theory. In:

PIDGEON, Nick; KASPERSON, Roger E.; SLOVIC, Paul (org.). **The social amplification of risk**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 343-364.

SARRALHEIRO, Vinicius Alves. **Existe amor em app? Percepções sobre a sexualidade, a prevenção e a comunicação do HIV e da aids entre usuários de aplicativos de relacionamento**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SARRALHEIRO, Vinicius Alves. **Imersão na Realidade: Efeitos do uso de Realidade Virtual na Comunicação sobre Vacinação**. 2025. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SARRALHEIRO, Vinicius Alves; LOPES JUNIOR, Claudinei. Consumo dos afetos e subjetividades contemporâneas: diálogos entre *Amores Materialistas* e aplicativos de relacionamento. **Mídia e Cotidiano**, v. 20, n. 2, p. 93-121, 2026.

SARRALHEIRO, Vitor Alves. **Envelhecimento sorodiferente: percepção dos estigmas sociais vivenciados por casais gays**. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências do Envelhecimento) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2025.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014.